



## JUVENTUDES E TERRITÓRIOS PERIFÉRICOS – NARRATIVAS IDENTITÁRIAS ENQUANTO ESTRATÉGIAS DE DESLOCAMENTO.

Daniela Abreu Matos<sup>1</sup>

### RESUMO

Esse artigo tem como objetivo principal apresentar as principais perspectivas teóricas e metodológicas que norteiam o desenvolvimento da pesquisa de doutoramento “*Juventude e territórios periféricos – uma análise das narrativas identitárias formuladas enquanto estratégias de deslocamento*”. O percurso empreendido aqui propõe analisar narrativas identitárias, formuladas por grupos culturais juvenis, localizados em periferias de grandes centros urbanos, enquanto estratégias de deslocamento de relações de poder e de negociação com as narrativas centrais e hegemônicas das cidades. Pretende-se acionar questões teóricas relacionadas aos estudos da cultura e da comunicação que reconhecem o processo de formulação das identidades como resultado das experiências territoriais em articulação com aquelas vividas no ambiente midiático massivo.

**Palavras-chave:** narrativas identitárias, periferia, deslocamento.

### Primeiras idéias

Esse texto apresenta uma proposta de pesquisa, a ser desenvolvida no âmbito do curso de doutorado em Comunicação e procura caracterizar, ainda que inicialmente, o contexto cultural que viabiliza a formulação de narrativas identitárias de grupos juvenis, localizados em centros urbanos. A inquietação que impulsiona essa pesquisa acadêmica é a identificação do potencial que as narrativas periféricas têm enquanto estratégias de deslocamento de poder ou, de outra forma, enquanto provocadoras de negociação entre as narrativas centrais, ou hegemônicas, e as periféricas.

A questão que se coloca como principal é a avaliação do grau de deslocamento, ou seja, até que ponto a produção identitária que resulta da apropriação que os sujeitos fazem de sua condição periférica serve para colocá-los em um lugar social diferenciado? Acredita-se que essa busca será mais fértil a partir da identificação das estratégias, e, fundamentalmente, do modo como elas contribuem para o funcionamento pretendido.

---

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas – UFBA. Doutoranda no Programa de Comunicação e Sociabilidade da UFMG. E-mail: [d.abreu.matos@gmail.com](mailto:d.abreu.matos@gmail.com).

Dessa forma, a pesquisa busca construir indicadores que possam avaliar o funcionamento dessas narrativas, com isso pretende revelar novos padrões para a percepção do grau de deslocamento e negociação entre as narrativas consideradas hegemônicas, que ocupam grande espaço na esfera da comunicação midiática, e aquelas consideradas periféricas (com abrangência territorial) a partir da compreensão da diversidade de práticas culturais e comunicativas e de diferentes formas de exclusão social.

Esse debate tomará corpo a partir da análise da atuação de grupos juvenis integrantes de uma articulação comunitária provocada pela ONG CRIA - Centro de Referência Integral de Adolescentes - desde 2001, na cidade de Salvador.

### **Identities e narrativas contemporâneas**

O ponto de partida da empreitada teórica proposta aqui toma forma de um arranjo múltiplo e diverso, por vezes ambivalente, conforme assinala Homi Bhabha (2001), reconhecido por contemporaneidade. As articulações conceituais são, portanto, exercícios de narração da condição pós-moderna (Harvey, 1999) que reconhecem o conceito de identidades, ou identificações, como sugere Stuart Hall, como epicentro das reflexões articuladas ao projeto teórico-político dos Estudos Culturais.

Utilizo o termo “identidade” para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos os nossos lugares como sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. As identidades são, pois, pontos de apego temporários às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós (HALL, 2000).

O sentido de “prática discursiva” é ressaltado também por Garcia Canclini, que reconhece a identidade como uma “construção que se narra”, um investimento indispensável para a caracterização das sociedades atuais, desde que se considere os variados suportes culturais e a diversidade dos meios de comunicação. O autor ainda propõe que “uma teoria das identidades e da cidadania deve levar em conta os modos diversos com que essas se recompõem nos desiguais circuitos de produção, comunicação e apropriação da cultura” (CANCLINI, 2006).

Nesse sentido, entende-se que as narrativas identitárias são formuladas a partir das articulações vivenciadas pelos sujeitos e expressam uma tomada de posição que os localizam enquanto grupo e diante daqueles “outros” dessemelhantes. Dessa forma, consideramos que o debate teórico sobre as identidades é um importante fio condutor

para estudos relativos a formulação de narrativas periféricas e suas propostas transformadoras já que fornece elementos para a percepção das estratégias acionadas pelos sujeitos na construção de seus discursos identitários e dos principais conteúdos, demonstrando dessa forma, as posições de sujeitos garantidas, as relações de poder instituídas e as propostas de transformação formuladas.

O recorte, empreendido aqui, procura observar esse movimento em territórios urbanos excluídos socialmente e os considera como espaços excessivamente produtivos devido, justamente, as experiências de ausência e escassez. A contradição aparente – entre a pulsão criadora e a extrema escassez – é uma característica fundante dessa posição teórica que segue formulações do geógrafo Milton Santos que (re)afirma o lugar do território, da localidade, como ponto de partida de qualquer experiência do sujeito, inclusive, na contemporaneidade. Afirmando a intensificação da relação sujeito e território e da relação entre os sujeitos, com a formulação do conceito de cultura da vizinhança como uma estratégia de negociação com a situação de exclusão (quase) absoluta.

Gente junta cria cultura e, paralelamente, cria uma economia territorializada, uma cultura territorializada, um discurso territorializado, uma política territorializada. Essa cultura da vizinhança valoriza, ao mesmo tempo, a experiência da escassez e a experiência da convivência e da solidariedade. No fundo a questão da escassez aparece outra vez como central. Os “de baixo” não dispõem de meios (materiais e outros) para participar plenamente da moderna cultura de massas. Mas sua cultura, por ser baseada no território, no trabalho e no cotidiano, ganha a forma necessária para deformar, ali mesmo, o impacto da cultura de massas (SANTOS, 2001).

Nesse sentido, Santos reconhece a condição transformadora presente, inclusive, no que denomina “cultura de massa” desde que os instrumentos sejam reutilizados a partir do acionamento de conteúdos locais. Propõe-se uma articulação com o pensamento de Garcia Canclini que defende a análise dos processos de negociação como recurso-chave para a compreensão atual de conceitos como identidade, classe e popular o que funciona como estratégia para superar elaborações dualistas e dicotômicas de compreender as relações de poder entre os sujeitos.

A negociação está instalada na subjetividade coletiva, na cultura cotidiana e política mais inconsciente. Seu caráter híbrido, que na América Latina decorre da sua história de mestiçagens e sincretismos, se acentua nas sociedades contemporâneas pelas complexas interações entre o tradicional e o moderno, o popular e o culto, o subalterno e o hegemônico. (CANCLINI, 2006).

## **Produtividade nas margens**

A compreensão de negociação, defendida nessa proposta, está em consonância com outro arranjo teórico significativo presente nas noções de “entre-lugar” e “interstícios” formuladas por Homi Bhabha, que propõem o espaço fronteiro das articulações entre as partes, no sentido de encontros dinâmicos com nossas identidades e diferenças, como o terreno fundamental para a elaboração de “estratégias de subjetivação” (BHABHA, 2001), narrativas indispensáveis para uma nova forma de reconhecer e definir a sociedade, e, portanto, as lutas e tensões que a caracterizam.

Nesse sentido, as comunidades periféricas, são consideradas entre-lugares e a formulação das narrativas identitárias podem ser caracterizadas como estratégias de subjetivação. O autor Homi Bhabha também defende o acionamento do conceito de negociação, reconhecendo-o como possibilidade de articulação, inclusive, entre elementos antagônicos e contraditórios.

É na emergência dos interstícios – a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas nação (nationness), o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados. De que modo se formam os sujeitos nos entre-lugares, nos excedentes das somas das partes da diferença (geralmente expressas como raça/classe/gênero)? (BHABHA, 2001).

Ainda na defesa dessa perspectiva, aciona-se a caracterização que Stuart Hall propõem para o conceito de “margens” (ou, entre-lugares para Bhabha) como o espaço mais produtivo da contemporaneidade, embora também reconheça – em seu tradicional movimento de negociação com a sua própria teoria – tensões limitadoras e reguladoras para a tomada de posição e possível deslocamento de poder, como, por exemplo, a desigual correlação de forças entre grupos e sujeitos “tradicionalmente” excluídos e outros dominantes que se exemplifica no risco constante da cooptação e espetacularização da diferença, como mais um produto do mercado pós-moderno global. Contudo, a sua posição teórica continua contundente e referência para a proposta: “eu sei que o que substitui a invisibilidade é uma espécie de visibilidade cuidadosamente regulada e segregada. Mas simplesmente menosprezá-la, chamando de “o mesmo”, não adianta (HALL, 2003).

A busca pela compreensão dessa mudança, de entender quando ela deixa de ser “o mesmo”, aponta para um olhar cuidadoso e analítico sobre a atuação de coletivos reconhecidos socialmente como periféricos, na perspectiva proposta por Stuart Hall

(2003), enquanto “pontos de resistência” capazes de mudar as “configurações do poder cultural” e, portanto, com forte função social transformadora.

Dentro da cultura, a marginalidade embora permaneça periférica em relação ao *mainstream*, nunca foi um espaço tão produtivo quanto o é agora, e isso não é simplesmente uma abertura, dentro dos espaços dominantes à ocupação dos de fora. É também o resultado das políticas culturais da diferença, da produção das novas identidades e do aparecimento dos novos sujeitos no cenário político cultural (HALL, 2003).

Quem são esses novos sujeitos, apontados por Hall? Como eles se narram? O que acionam na construção da sua própria representação? Com quem se estabelece esse diálogo? A sociedade central, hegemônica, os compreendem na sua complexidade de sujeito, ou trata de localizá-los socialmente de maneira fixa e com isso, re-elaborar suas estratégias de invisibilização.

Na busca por formular possibilidades, frente a tantas inquietações, esse processo de pesquisa se empenha em identificar estratégias culturais empreendidas pelos grupos identificados para análise a partir da seguinte inquietação: são capazes de provocar diferença? Em que medida? Para isso, reconhecemos que os indicadores que servirão como medida de impacto, como medida de avaliação, devem ser formulados considerando a noção de “dialética da luta cultural”, expressa por Stuart Hall como um processo (in)tenso de negociações, tomadas de posição, resistências e, por vezes, recuos.

Há pontos de resistência e também momentos de superação. Esta é a dialética da luta cultural. Na atualidade, essa luta é contínua e ocorre nas linhas complexas da resistência e da aceitação, da recusa e da capitulação, que transformam o campo da cultura em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtém vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas (HALL, 2003).

Esse conjunto de questões, que propõe uma articulação conceitual, fundamentalmente, entre os campos da cultura e comunicação que buscam fazer avançar o entendimento de fenômenos contemporâneos relacionados às reconfigurações identitárias e relações de poder, tem sido intensamente desenvolvido no Brasil e na América Latina. A partir dos anos 90, diversas pesquisas são desenvolvidas no sentido de perceber estratégias culturais-comunicacionais de inclusão, formulação de narrativas descentradas e as tensões sociais causadas por elas. Alguns autores são relevantes nesse caminho, como Santos (2001), Canclini (2003 e 2005), Chauí (2006) e Hollanda (2004) que promovem contribuições desafiadoras sobre o campo em debate.

Seguramente, não é mais possível pensar as manifestações estéticas e culturais hoje sem articulá-las às questões básicas do desenvolvimen-

to econômico e social. Por toda parte, emergem novos territórios culturais e disseminam-se novas dinâmicas de criação e intervenção que rapidamente se articulam como respostas e interpelações aos efeitos contraditórios dos processos neoliberais de globalização e transnacionalização da cultura e da informação (HOLLANDA, 2004).

### **Atuação comunitária e articulações institucionais**

Essas questões, e outras que surgirão no processo de investigação, serão analisadas a partir da realização do estudo de caso de grupos comunitários culturais organizados e/ou fortalecidos a partir de processos formativos voltados para adolescentes e jovens desenvolvidos pelo CRIA – Centro de Referência Integral de Adolescentes – organização não-governamental que atua, desde 1994, em Salvador, e desde 2001, em outras cidades do Estado da Bahia.

A opção por grupos culturais juvenis que mantém relação com uma proposta formativa institucional – neste caso, o Programa de Educação para Cidadania do CRIA – agrega um valor significativo à pesquisa já que possibilita também uma análise do impacto das ações desenvolvidas por Ong's em regiões periféricas de centros urbanos, voltadas para o fortalecimento de grupos culturais, atuação cada vez mais comum no contexto latino-americano.

Além disso, reconhece, desde já, e procura avaliar as conseqüências da relação entre os grupos de jovens e propostas institucionais de intervenção social, estabelecendo mais um nível de mediação entre os sujeitos e a suas iniciativas de construções de discursos, ou como propõe Stuart Hall, seus posicionamentos de sujeito, formulação que pretende dar conta dos sentidos de deslocamento e, portanto, de uma dinâmica constante de posicionamentos e re-posicionamentos.

Nesse sentido, busca-se a caracterização do objeto de análise a partir da identificação de alguns marcos na organização da Política Institucional do CRIA que interferem diretamente na atuação dos jovens e seus grupos. Em 2001, a proposta foi (re)organizada em torno da formação de jovens dinamizadores na perspectiva de provocar e/ou fortalecer a organização de grupos comunitários que desenvolvam ações de mobilização social nos seus bairros/comunidades de origem e/ou referência.

Em 2008, a proposta continua sendo empreendida, contudo o foco além de estar no fortalecimento das atuações comunitárias dos jovens está também na identificação de diferentes formas possíveis de articulação entre ONG's e grupos comunitários formados

e/ou em fase de articulação. Atualmente, 86 jovens *dinamizadores culturais*, moradores de 29 comunidades periféricas da cidade de Salvador, participam do *Programa de Educação para a Cidadania* do CRIA, organizados em 7 grupos artísticos<sup>2</sup>.

A maioria desses jovens são líderes e/ou participam de grupos comunitários<sup>3</sup> (cerca de 80%), esse índice de participação em grupos de ação local é inverso em um universo de jovens mais abrangente, sem vinculação formal com Ong's ou outras articulações institucionais, (26,8%) segundo dados da pesquisa Juventude Brasileira e Democracia<sup>4</sup>. Esse cenário pode trazer indicativos de que a proposta formativa do CRIA tem alcançado resultados no que diz respeito ao incentivo à participação local e desenvolvimento de atitudes transformadoras, e, portanto, fortalecer a análise de mais uma questão, se a relação grupos comunitários X proposta institucional traz aspectos produtivos na relação entre práticas discursivas, território e ação local e quais são eles.

O panorama de atuação registrado ao final do ano de 2006<sup>5</sup> traz informações significativas relativas a atuação e organizações dos grupos – contexto da pesquisa – a existência de 17 grupos comunitários realizando ações educativas-culturais. Outro resultado é a identificação dos principais temas e conteúdos abordados nas ações comunitárias com aqueles presentes nas ações de formação do Programa de Educação para Cidadania. Também é possível verificar, a partir do panorama temático que a “cultura” aparece como temática/eixo de ação privilegiado, conferindo aos grupos comunitários uma inserção na dinâmica cultural dos seus bairros.

Com essas observações, colocam-se, desde já, outras duas questões para análise, qual é a real inserção desses grupos na dinâmica cultural local? E qual a interação dessa articulação local naquilo que estamos denominando dinâmica cultural central, ou da cidade hegemônica?

---

<sup>2</sup> Os jovens participam de processos de formação artísticas para a montagem de 7 espetáculos. Atualmente os seguintes: Quem descobriu o Amor?; Quanto Custa?; Silêncios Sentidos; Poesia Pé-de-Benção, Diálogos; Clowns Urbanos e Quem somos nós?

<sup>3</sup> Atualmente do universo de 86 jovens dinamizadores do CRIA, apenas 17 não atuam em articulações comunitárias.

<sup>4</sup> Esse dado é referente a pergunta: “você já participou de algum movimento ou reunião para melhorar a vida do seu bairro ou da sua cidade?” presente nos questionários da Pesquisa Juventude Brasileira e Democracia, coordenada pelo IBASE. Nessa etapa da pesquisa foram aplicados 9.000 questionários com jovens entre 15 e 24 anos, pertencentes a variadas classes sociais (A até C/D) em 8 regiões metropolitanas do Brasil: Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife, Belo Horizonte, Porto Alegre, Belém e Distrito Federal.

<sup>5</sup> Essas informações estão disponíveis nos Relatórios de Avaliação Institucional CRIA, produzidos anualmente pela instituição. Até o fechamento desse artigo, os dados referentes ao ano de 2007 ainda não tinha sido consolidados.

É com a arte e com a força do movimento social *sussuaranense* que se pretende transformar esse contexto, mostrando que nesse espaço que recebe o nome de um bicho, as pessoas estão acompanhando e construindo as políticas públicas que, por direito, tem que respeitar e dar vez as maiorias excluídas. (...)

O Rap'ensando Sussuarana é um grupo de articulação comunitária e mobilização social que reúne alguns grupos artísticos ligados às linguagens do rap, grafite, cordel e teatro. (...) A proposta de atuação comunitária do Grupo Rap'ensando é tornar-se um agente transformador e de referência para a **cidade**, e que, através da arte, procura valorizar a cultura local e construir alternativas possíveis para o desenvolvimento da **comunidade**, realizando ações e projetos como o Projeto Repensando Novos Horizontes, Mostra de Arte e Cultura Repensando Novos Horizontes, Sussuarana Existe; I, II E III Festival de HIP HOP na onça e Cutucando a onça com vara curta.<sup>6</sup>

O texto destacado acima torna explícita a preocupação do grupo comunitário citado (Rap'ensando Sussuarana) em provocar transformações nas condições de vida local, e ao mesmo tempo revelar para a cidade de Salvador uma Sussuarana<sup>7</sup> representada por sua produção cultural e não por seus altos índices de violência urbana.

Nesse sentido, fortalece essa perspectiva de análise que reconhece o lugar do campo cultural na contemporaneidade e sua potencialidade em provocar deslocamentos a partir da articulação e organização de novos coletivos, pautados em noções de identidade e experiência, que Tereza Ventura (2005) caracteriza como “espaços discursivos” relevantes para as comunidades periféricas.

A sociabilidade de rede induz a partilha de um capital simbólico comum através do qual se forjam identidades. Práticas e experiências, que se realizavam de forma desagregada e privada, passaram a ser históricas e socialmente associadas a semânticas subculturais comuns. Favorecidos pelo crescente intercâmbio material e simbólico que questiona as fronteiras simbólicas e geopolíticas vigentes, as reivindicações sociais e políticas das populações periféricas ganham sentido no âmbito de formas e aspirações de reconhecimento então vigentes em outros contextos socioculturais (VENTURA, 2005).

Ainda no sentido de fortalecer a proposta e o campo empírico da pesquisa, demonstra-se, com o quadro abaixo<sup>8</sup>, entre outras possibilidades de análise, o potencial de articulação dos grupos juvenis que mantém relação com o projeto institucional do CRIA e seus interesses relativos aos temas de atuação, ou foco. Além da necessidade, expressa

---

<sup>6</sup> Trecho escrito por jovens participantes do Grupo de atuação comunitária, disponível no CD-ROM *Escola e Comunidade: Um diálogo Necessário*, produzido pelo CRIA, em parceria com 05 grupos comunitários e a UNEB- Universidade Estadual da Bahia, em 2005.

<sup>7</sup> Bairro periférico da cidade de Salvador.

<sup>8</sup> As informações contidas nesse quadro foram organizadas a partir de questionários respondidos pelos jovens participantes dos grupos, em ação de acompanhamento promovidas pelo CRIA durante o ano de 2007.

desde a formulação dos nomes dos grupos, em definir uma identidade territorial e sua proposta de transformação a partir da produção e valorização da cultura local.

<b>Nº</b>	<b>COMUNIDADES</b>	<b>ORGANIZAÇÃO/ CONFIGURAÇÃO</b>	<b>FOCO DA ATUAÇÃO (Temas)</b>
01	<b>BARROS REIS</b>	Grupo Pura Arte	Drogas, Relação pais e filhos, Educação, Cultura Infantil e Saúde (V. Sexual, sexualidade e Violência Urbana)
02	<b>BOCA DO RIO</b>	Grupo ATAC-BR	Educação (Dialogo Escola/ Comunidade), Saúde (Violência Sexual, DST/AIDS), Identidade Cultural e Comunicação (Mídia e Direito à comunicação)
03	<b>CALABAR</b>	Grupo Quilombo Calabares	Cultura Infantil, Identidade Cultural e Saúde (Violência Sexual e Gravidez na adolescência)
04	<b>COSME DE FARIAS</b>	Grupo Afirmação e COMBAP - Conselho de Moradores da Baixa da Paz	Saúde (Direitos, Violência Sexual), Drogas, Discriminação e Equidade Racial.
05	<b>FAZENDA COUTOS</b>	Grupo FESC. Frente Cultural Fazenda Coutos	Violência Urbana, Drogas, Cultura Popular, Cultura Infantil.
06	<b>FAZENDA GRANDE DO RETIRO/ BOM JUÁ/ MAROTINHO</b>	Grupo Arte Kizumba	Educação, Cultura Infantil, Identidade e Equidade Racial.
07	<b>LIBERDADE</b>	Grupo Tamo aí Natividade	Produção de fanzines. Foco nas questões de saúde, educação e cultura
08	<b>MARECHAL RONDON</b>	Grupo Desafio	Saúde (Violência Sexual), Equidade Racial e Arte do Clown.
09	<b>NOVA BRASÍLIA</b>	Grupo Baluarte	Saúde (DST, HIV/AIDS, gravidez na adolescência, violência urbana), Cultura Infantil e Cultura Popular
10	<b>PARIPE</b>	Grupo Somos Nós	Saúde (direitos, gravidez na adolescência, drogas, sexualidade), Relação Pais e Filhos, Equidade Racial e Cultura Infantil.
11	<b>PAU MIÚDO</b>	Grupo Quinegra	Educação (Qualidade da Escola Pública), Saúde(DST/AIDS) e Identidade e Equidade Racial.
12	<b>PERIPERI</b>	Grupo Movendo e Se Movendo	Cultura Infantil, Formação de Leitores e Saúde (Violência sexual)
13	<b>PERNAMBUEÍS</b>	Grupo P.A.R – Pernambuco Articulado Resistências	Cultura Infantil, Identidade Cultural, Saúde (redução de danos), Educação (Sentido da arte, papel do aluno na escola) e Direitos.
14	<b>SÃO LÁZARO</b>	Grupo Lua Nova	Identidade cultural, Formação de Leitores, Meio Ambiente e História da África e Cultura Infantil
15	<b>SARAMANDAIA</b>	Grupo GARRA	Saúde (DSTs/ AIDS, Direitos), Relação pais e filhos, Consciência Negra, Cultura Infantil e Direitos da criança.

		Grupo Movimentart	Políticas Públicas para Saramandaia e Cultura Infantil
--	--	-------------------	--------------------------------------------------------

Com esse quadro inicial, o projeto de pesquisa ganha corpo e existência já que busca analisar as experiências vividas no cotidiano de jovens moradores de comunidades periféricas e as formas, que eles (re)inventam a todo momento, de narrar as suas histórias e ocupar um espaço territorial e político nas desiguais cidades contemporâneas.

### **Perspectivas**

A proposta de pesquisa aqui apresentada está inserida em um contexto teórico que reconhece o potencial das narrativas de identidade como instrumento de tomada de posição dos sujeitos – e seus coletivos – e, portanto, seu potencial em provocar deslocamentos nas disposições de poder estabelecidas a partir das estruturas formais da sociedade contemporânea. Nesse sentido, afirma-se que sujeitos excluídos socialmente, através das suas produções e representações, tem poder de transformar, em alguma medida, situações de dominação e subalternidade.

Esse é um movimento que dá ensejo à formação de um processo de ‘afinidades eletivas’ – um termo que prefiro à noção tradicional de redes – entres os grupos, que se articulam eventualmente, muitas vezes prescindindo de reuniões ou outros procedimentos formais. O que promove a sintonia entre eles é antes uma espécie de sentimento íntimo, balizado primeiro pela consciência de que o mundo em que vivemos não nos serve; depois pela força e vontade de transformá-lo e, por último, mas não menos importante, pela certeza que é possível fazê-lo. Falta o dado ‘metodológico’ à formula, é verdade, mas o ‘**como**’ da questão é justamente o que se está inventando no dia-adia das lutas, na mobilização dos movimentos, nos muitos e caprichosos modos de re-existência (SALLES, 2004).

O desafio aqui proposto, entretanto, é uma tentativa de aproximação do “**como**” ressaltado por Salles, a partir de um exercício de análise das formas acionadas – entendidas como estratégias e conteúdos – para compor a ação dos grupos juvenis nos centros urbanos e seus resultados relativos a sua potencialidade, ou não, de provocar deslocamentos.

Dessa forma, espera-se produzir e sistematizar informações relativas ao problema de pesquisa que possibilitem a formulação de uma proposta teórica sólida no sentido de comprovar ou não a potencialidade das narrativas identitárias formuladas por grupos

culturais juvenis, de origem periférica, em provocar sua inclusão – ainda que exclusivamente simbólica - e com isso, novos arranjos narrativos sobre o espaço urbano.

Com a pesquisa, espera-se contribuir para o reconhecimento do potencial transformador das práticas sócio-culturais empreendidas por jovens excluídos socialmente, e, portanto, fortalecer movimentos sociais pautados em novos sentidos dos tradicionais conceitos de solidariedade e ação social.

## Referências

BABHA, Homi. **O local da cultura**, Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

BARBALHO, Alexandre. Jovens com idéia na cabeça e câmara na mão: biopolítica e trabalho imaterial na produção audiovisual. **Cinéctica. Estéticas da Biopolítica - Áudio Visual, Política e Novas Tecnologias**. Acesso em 22/02/08.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. Estratégias para entrar e sair da modernidade. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

\_\_\_\_\_. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania Cultural – O direito à Cultura**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. SOVIK, Liv (Org.) Belo Horizonte: Editora UFMG. Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. “Quem precisa de identidade” In: SILVA, Tomás Tadeu.(org). **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna - Uma pesquisa sobre as origens da Mudança**

**Cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.) **Cultura e Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

NARVÁEZ, Yosjuan Piña. Construcción de identidades (identificaciones) juveniles urbanas: movimiento cultural underground el HIP HOP em sectores populares caraqueños. In: MATO, Daniel. **Cultura y transformaciones sociales em tiempos de globalización – perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires, CLACSO, 2007.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SALLES, Écio. Culturas Transitivas. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.) **Cultura e Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

VENTURA, Teresa. Notas sobre Política Cultural Contemporânea. In: **Revista Rio de Janeiro - Políticas Públicas de Cultura - Dilemas, Diversidades e Propostas**. Rio de Janeiro, Fórum Rio de Janeiro: UERJ, n.15, jan-abril 2005.

YÚDICE, George. **A conveniência da Cultura – usos da cultura na era global**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

**Revista Rio de Janeiro - Políticas Públicas de Cultura- Dilemas, Diversidades e Propostas.** Rio de Janeiro, Fórum Rio de Janeiro: UERJ, n.15, jan-abril 2005.

**Revista Democracia Viva n. 30** – Especial Juventude e Política. Rio de Janeiro, IBASE - Jan 2006/mar 2006.

**Política Públicas de/para/com Juventudes** - Brasília, UNESCO, 2004.